

MOVIMENTOS CONTRACULTURAIS E JUVENTUDE: ATRIBUTOS ESTÉTICOS COMO CONSTITUIÇÃO DA AUTOESTIMA

Countercultural movements and youth: aesthetic attributes as constituents of self-esteem

Leão, Wemerson Junio; Graduando; UFMG, wemersonjrleao@ufmg.br¹

Mayara, Jéssica; Graduanda; UFMG, jessicamayara155@gmail.com²

Adverse, Angélica; Doutora; UFMG, angelicaadverse@eba.ufmg.br³

Resumo: Este ensaio analisa a relação entre o movimento de contracultura do RAP e a autoestima dos jovens, explorando como a moda, a música e outras manifestações urbanas influenciam a formação da subjetividade. Embasada nos estudos culturais, construiu-se um referencial teórico que sustenta a leitura estético-filosófica das linguagens que moldam a comunicação e a linguagem na juventude.

Palavras chave: contracultura, rap, autoestima.

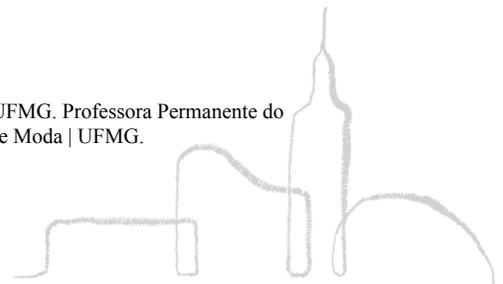
Abstract: This essay analyzes the relationship between the countercultural movement of RAP and the self-esteem of young people, exploring how fashion, music, and other urban manifestations influence the formation of subjectivity. Based on cultural studies, a theoretical framework was constructed to support the aesthetic-philosophical reading of the languages that shape communication and language in youth.

Keywords: counterculture, rap, self-esteem.

¹Aluno do curso de graduação em Design de Moda | UFMG.

²Aluna do curso de graduação em Design de Moda | UFMG.

³Doutora e Mestre em Artes Visuais pela EBA | UFMG. Estágio de Pós-Doutorado em História pela FAFICH | UFMG. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes | UFMG. Professora Adjunta do curso Design de Moda | UFMG.

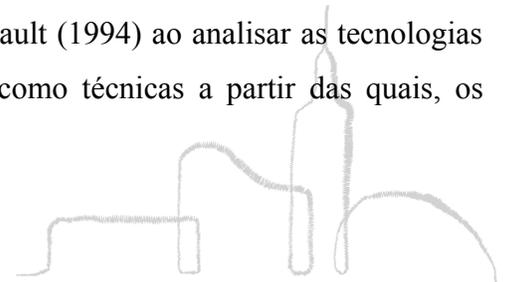


Introdução

Toda revolução mundial é precedida de uma revolução de alma.

T. Macho

Desde o século XIX, a juventude torna-se um objeto de estudo importante para a história da cultura quando apresenta uma linguagem revolucionária transfigurando a literatura, os costumes, as artes visuais, a moda etc. Novas linguagens são apresentadas explicitando o excesso de energia pubescente, assim desde os diários íntimos que narravam formas distintas de vida, os poemas em prosa, as pinturas de costumes e os retratos que a juventude se apresenta como uma fase distinta da vida. Lembra-nos Bourdieu, que a juventude seria apenas uma palavra, afirmando com isso, a invenção conceitual do termo (Bourdieu *apud* Rocha; Pereira, 2009, p.20), representando uma função de se estabelecer uma divisão do poder: “a separação entre jovens e velhos seria, como afirma o sociólogo, uma forma de estabelecer uma ordem que coloca cada um no seu lugar, respeitando os limites sociais invisíveis”. Para Savage (2009), ainda que a amostragem desta produção não seja representativa de uma parte da população, ela nos daria um exemplo da invenção da juventude como um conceito para a se compreender o processo de estetização revolucionário do sujeito. Como nos explica Rocha e Pereira (2009), a ideia de jovem e de juventude foi criada como um espaço de limiar, como uma imagem de uma fase intermediária da vida na qual a experiência de ser jovem representa um tipo de rito de transformação e de passagem. Por isso, falar da autoestima e da constituição de um sujeito-forma é primordial para se compreender a natureza desta transição. O corpo torna-se um território aberto às experimentações do artifício e das tecnologias da produção de subjetividade, estimuladas pela linguagem da moda e da arte. A relação do jovem com a cultura contemporânea é mediada por tecnologias do self que estimulam certos ritos iniciáticos de caráter estético, sexual e intelectual. O pertencimento a este terreno limiar de transição implica, portanto, em romper com controles sociais relacionados à família, à religião e ao Estado. Alguns aspectos simbólicos da aparência são rompidos por um tipo de determinismo físico que determinam e que ilustram a formação de um discurso autônomo e ambivalente, contribuindo para estruturar a autoestima dos jovens. Aqui, a autoestima é entendida como uma forma de satisfação do jovem em relação a si mesmo, e esse olhar positivo do sujeito sobre a formação da sua autoimagem seria determinante para se pensar um conjunto de valores estéticos produzidos para ele possa configurar a sua imagem no espaço social. Para além da formação de um estereótipo, nós chamamos a atenção para a importância deste sujeito que se forma recusando as crenças e os valores que assujeitavam-no como um sujeito-substância, tal como nos mostrou Foucault (1994) ao analisar as tecnologias de si. As tecnologias de si são pensadas a partir de Foucault (1994) como técnicas a partir das quais, os



indivíduos modificam ou transformam a sua subjetividade. Estas técnicas podem ser compreendidas como saberes que envolvem a autoformação, o cuidado de si e outras ações que podem constituir uma autorreflexão.

A juventude, enquanto representação ideária de um fenômeno social, emerge, portanto, em meio a formação de um imaginário universalista assumindo, em muitos casos, uma identidade que oculta e invisibiliza outras etnicidades da representação dos jovens. Dada a realidade simbólica das mídias e redes de difusão de cultura, muitas expressões periféricas foram invisibilizadas e ocultadas. As representações e imagens do *Outro* era operada em espaços marginais e sob a forma de um exotismo cultural.

As linguagens da contracultura emergem, assim, como uma alternativa para os jovens presentificarem e visibilizarem os seus corpos, como forma de colidirem com as formas tradicionais de poder que conduzem ao assujeitamento. A limiaridade que evocamos pelas experimentações das linguagens de contracultura marcaria, então, a alternativa para novos modos de discussão sobre a formação de afetos que desdobram a constituição da autoestima dos jovens. Pois a autoestima, enquanto afeto alicerçaria importantes valores discursivos, reverberando em diversos lugares dentro da vida do sujeito, principalmente, no que diz respeito ao período intermediário entre a infância e a vida adulta, que é entendido como “adolescência”. De acordo com Rocha e Pereira (2009), a adolescência era compreendida como uma faixa-etária que abarcava jovens entre 12 a 19 anos de idade, entretanto, contemporaneamente, alguns estudos da OMS apontam a sua extensão: adolescência (12 aos 24 anos) e juventude (24 aos 34 anos)⁴. Logo, a adolescência e a juventude se expandem para além dos limites do período de uma vida biológica para serem pensadas como um estado de existência que diz respeito à experiência vivenciada por pessoas no âmbito político, social, econômico. Diante da crise econômica contemporânea, os adolescentes e os jovens se inserem, cada vez mais, tardiamente nas experiências de amadurecimento da vida adulta. Reafirmando as questões de Rocha e Pereira (2009, p.21) o “vir a ser” outro(a) para a juventude dependeria de uma densidade reflexiva de sua experiência de transição no mundo contemporâneo.

A autoestima como um dos afetos presentes nos processos de transformação do sujeito, seria um elemento essencial para o desenvolvimento saudável de qualquer indivíduo, especialmente durante a adolescência, uma fase marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais. Essa autopercepção é fruto de diversos elementos em interação, sendo tanto elementos internos como por exemplo, questões hormonais relacionadas ao amadurecimento, pouco desenvolvimento de certas áreas do cérebro, pouca experiência de vida entre diversos outros elementos. Assim como também questões relacionadas ao meio, como a cultura, meio social que está inserido, classe social e diversos outros, sendo que em conjunto, todos os

⁴ Recomendamos ler: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42747453> acesso 20 de junho de 2024.

elementos mencionados acima produzem o que é entendido como autoconceito, definido por Assis e Avanci (2004, p.17) como: ‘... à organização hierárquica e multidimensional de um conjunto de percepções de si mesmo’.

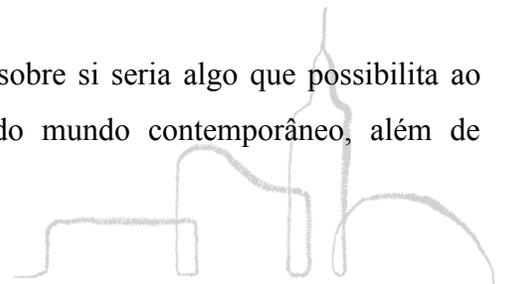
Sendo as imagens da indústria cultural dominante algo que não contempla a diversidade, o imaginário social é permeado por um sentimento de intensa discriminação, desenvolvendo um sentimento de deslocamento de parte dos jovens no espaço social. Por esse motivo, os movimentos contraculturais acabam por fomentar a elaboração de um outro espaço possível para a produção do sujeito. Assim, no limiar entre a ficção e a realidade, uma parte dos jovens se sentem acolhidos pelos processos de transfiguração dos seus valores, do estilo imagético e pelos modos de vida. Neste aspecto, a moda teria um papel essencial para a produção da valorização de si e para a sensação de pertencimento. Principalmente, no que diz respeito aos jovens que, por muitas vezes, os possibilita confrontar algumas posições vulneráveis por intermédio da modelagem de sua imagem, direcionando-os para movimentos gregários. Portanto, os processos gregários de identificação e analogias, como nos explica Simmel (2008) seriam fundamentais para se pensar a construção da autoestima por parte da juventude. Pois a partir deste processo, elas poderiam desenvolver um significado singular de sua identidade.

Autoestima e Juventude

Como apresentamos anteriormente, entendemos a importância dos movimentos de contracultura como um lugar imaginário importante para o acolhimento dos jovens em processo de formação de sua subjetividade. Os movimentos de contracultura lhes fomentariam um conjunto de ideias, objetos, lugares e formas de expressão pelos atributos estéticos, possibilitando o desenvolvimento da autoestima do jovem. Com isso, eles alicerçariam o sentimento de pertencimento pela partilha estética de alguns códigos da conduta vestimentar ou dos hábitos que estruturam os modos de vida no cotidiano. Tais elementos possibilitam ao jovem construir uma imagem de si amparada por valores compartilhados em uma comunidade de limiar. Retomamos a definição de autoestima para salientar a criação de valores que fundamentam a identidade e os processos de identificação dos jovens:

Entende-se por autoestima a avaliação que a pessoa faz de si mesmo. Expressa uma atitude de aprovação ou de repulsa e até que ponto ela se considera capaz, significativa, bem-sucedida e valiosa. É o juízo pessoal de valor expresso nas atitudes que o indivíduo tem consigo mesmo.”(COOPERSMITH, 1997, apud ASSIS e AVANCI, 2004, p. 16).

Através desta definição, é possível inferir que esse sentimento sobre si seria algo que possibilita ao indivíduo, constituir elementos de resistência frente às dificuldades do mundo contemporâneo, além de

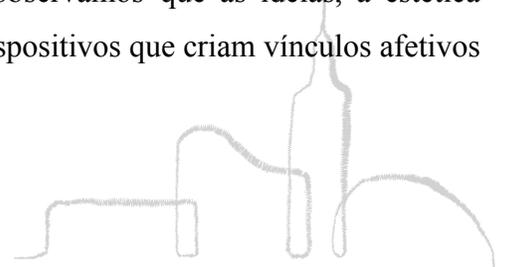


conseguirem lidar com a vida com assertividade. Como a estima de si seria um sentimento de extrema importância para a vida adulta, a infância e para a juventude, ela acaba por ter um impacto significativo nesse período de transição, podendo influenciar diretamente nas escolhas e no futuro do jovem. Com isso, um jovem que se entende como um ser valoroso e consegue se integrar a um grupo, se relacionando com os demais, poderia ter muito mais chances de ter um bom direcionamento em seu futuro. Em particular, se tratando de jovens em estado de vulnerabilidade social, no qual carecem de pilares essenciais para o seu desenvolvimento.

Diante de situações sensíveis no meio que estão inseridos, agrava-se ainda mais o seu estado social, faltando-lhes recursos éticos e educacionais. A vulnerabilidade social e a escassez de recursos financeiros muitas vezes se traduzem pela dificuldade de acesso à educação de qualidade, à saúde, à moradia digna e às demais oportunidades de lazer e cultura, fatores que são cruciais para a formação da identidade e do senso de valor próprio. Além disso, esses jovens frequentemente lidam com estigmas sociais, discriminação e uma sensação de desvalorização que pode minar sua confiança e autopercepção. O levantamento organizado por Assis e Avanci (2004), nos mostra que jovens com baixa autoestima possuem inclinações maiores para comportamentos depressivos, gravidez na adolescência, uso de substâncias e afins.

A socialização dos jovens pode ser compreendida como os processos por meio dos quais os sujeitos se apropriam do social, de seus valores, de suas normas e de seus papéis, a partir de determinada posição e da representação das próprias necessidades e interesses, mediando continuamente entre as diversas fontes, agências e mensagens que lhes são disponibilizadas. (DAYRELL, 2002, p.121)

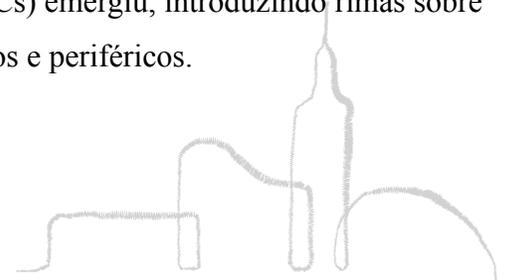
No entanto, é nesse contexto adverso que muitos jovens demonstram resiliência e capacidade de superação, encontrando formas de afirmar sua autoestima e buscar um futuro melhor, apesar das limitações impostas pelo ambiente socioeconômico. Através dessas questões levantadas, como uma forma de escape, muitos jovens tendem a buscar essas referências em outras localidades, sendo um deles, os movimentos contraculturais. Em sua grande maioria, os movimentos periféricos fornecem elementos para que os jovens construam reflexões sobre a sua existência. Em alguns movimentos estéticos, como por exemplo, o RAP permite aos jovens em situação de vulnerabilidade questionarem e contrariarem o *status quo*. Assim, seria nesse espaço da linguagem da ficção, que novos códigos seriam produzidos definindo o seu modo de pensar, de vestir e de se posicionar socialmente. Esta aproximação lhes permitiria entender um pouco melhor a sua realidade e o meio em que estão inseridos. Além disso, seria a partir de um compartilhamento estético que poderiam se identificar com outras pessoas, reforçando o ideal gregário observado por Simmel (2008). A partir do entendimento destes fenômenos como movimentos sociais gregários, observamos que as ideias, a estética vestimentar, os cortes de cabelo, os lugares que frequentam, tornam-se dispositivos que criam vínculos afetivos para a produção da autoestima.



Movimentos Contraculturais, Subculturas e o Rap:

Para conceituar melhor o assunto, é interessante que seja definido o conceito de “contracultura”. Segundo José Agustín (1996, p.129 apud CORTÉS, 2008, p.263-264), a contracultura seria ‘uma série de movimentos e expressões culturais, usualmente juvenis, coletivos, que ultrapassam, rejeitam, marginalizam, enfrentam e transcendem a cultura institucional’. Os movimentos contraculturais são uma resposta às questões referentes ao espírito do tempo, sobretudo, no que diz respeito às ideias desenvolvidas pelas instituições culturais estabelecidas dentro de uma sociedade, como por exemplo o Estado, a família, a religião ou os demais valores sociais que assujeitam os corpos no espaço social. Durkheim (2007) descreve que existem maneiras de agir, de pensar e de sentir e tais maneiras, existem fora do indivíduo, exercendo sobre ele um poder coercitivo. É de suma importância entender que, tais movimentos têm uma relação muito direta com o que se entende como conceito de classes sociais. Para HALL(2005 apud CORTÉS, 2008), o surgimento das subculturas estaria diretamente associado à estruturação de uma autoconsciência da classe trabalhadora, seria desta autorreflexão, que emergiria novas formas de expressão que confrontariam as culturas dominantes. Trata-se, aqui, de pensar um tipo de autoconsciência de uma distância que delimita identidade a partir das vivências atravessadas pelo contínuo sentimento de exclusão. Através do desconforto, da estranheza, da subversão das ideias tidas como “corretas”, esses indivíduos levantam novas pautas. Algo que é realizado única e exclusivamente através de símbolos, os quais definem o estilo desses grupos. Como é dito por Hebdige (2002, p.33 apud CORTÉS, 2004, p261), ‘o desafio da hegemonia representado pelas subculturas não emana diretamente dela: na realidade se expressa tendenciosamente pelo estilo’.

Os movimentos de contracultura associados ao RAP desafiam o estatuto da ordem social de várias maneiras. Sem controlar o Estado ou estabelecer as regras que regem a sociedade, esses movimentos não têm grandes espaços de diálogo e são suprimidos pelos conceitos culturais dominantes, que estão nas mãos das grandes instituições. No entanto, ao encontrar em seus grupos indivíduos com experiências e perspectivas semelhantes, que basicamente desempenham papéis negligenciados pelo Estado, esses movimentos conseguem incomodar através das simbologias que escolhem. O RAP, um estilo musical que não se originou no Brasil, surgiu nos Estados Unidos em meados dos anos 1970, mais precisamente nas periferias de Nova York. Inicialmente, os DJs desempenhavam um papel central, sendo responsáveis por tocar discos e manter a plateia animada. Com o passar dos anos, a figura dos Mestres de Cerimônia (MCs) emergiu, introduzindo rimas sobre as músicas contestando socialmente o *status quo* de jovens negros, mestiços e periféricos.



A rua é nós', mais do que um erro de gramática
É a frase que sintetiza a brisa do sujo, na prática
A última esperança de quem não crê em mais nada
Vaga sozinho, como Itogami na beira da estrada
Liberdade é condicional, assistida em todos os nível
Por isso, me esforço pra ser o mais livre possível'
(EMICIDA, 2009)

É importante destacar que o RAP é um movimento de origem negra e tem sido fortemente marcado por uma intensa repressão social / policial. O estilo de vida e a estética imagética do RAP desempenham um papel crucial na construção da autoestima dos jovens periféricos. O RAP, mais do que um gênero musical, é um movimento cultural que incorpora elementos visuais, linguísticos e comportamentais, inovando a imagem da juventude negra, ele reflete as realidades e aspirações dos jovens das periferias. As letras das músicas de RAP frequentemente abordam temas de resistência, superação e empoderamento, fornecendo exemplos de resiliência e sucesso que contrastam com as narrativas negativas frequentemente associadas às comunidades periféricas. Ao se verem refletidos nas histórias e na estética do RAP, os jovens encontram um sentido de pertencimento e valorização de suas origens culturais e sociais, fortalecendo sua autoestima e senso de identidade. Independente das dificuldades enfrentadas pelo gênero e seus adeptos, através de suas simbologias e das figuras eleitas pelo movimento, foi possível que diversos jovens negros das periferias americanas pudessem fazer parte de algo, e consequentemente ter figuras em quem se espelhar. Adentrando no movimento, utilizando dos símbolos impostos por ele, fazendo parte desse “estilo”, os jovens conseguiam desenvolver autoestima, e consequentemente vislumbrar outras formas de futuro.

Algo que aconteceu de forma semelhante no Brasil, onde diversos grupos de RAP, inspirados em figuras Norte Americanas, passaram a se identificar com essas personagens periféricas, e consequentemente vislumbraram a possibilidade de construção da sua autoestima, algo que era, praticamente, impossível no momento histórico em questão. Mesmo lidando com a barreira da língua, e não necessariamente entendendo o que era cantado pelos *Rappers* internacionais, a imagem e o símbolo representado os motivava e gerava um forte sentimento gregário. Como é mencionado por diversos artistas brasileiros, que viam através dessas figuras americanas em quem se espelhar. Assim como é mostrada na imagem abaixo, que exemplifica a forte influência da estética do RAP norte americano na representação imagética desempenhada pelos *Rappers* brasileiros, mais especificamente o grupo Racionais MC's, que são um dos precursores do RAP nacional, além de serem um dos grupos mais tradicionais do cenário brasileiro.

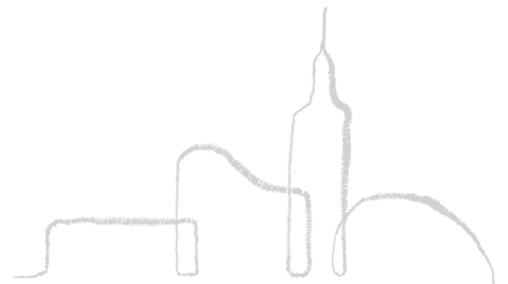


Figura 1: Imagem de divulgação do filme dos Racionais MCs lançado na Netflix.



Fonte: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/filme-sobre-os-racionais-mcs-costura-imagens-raras-3225702e.html?d=1>

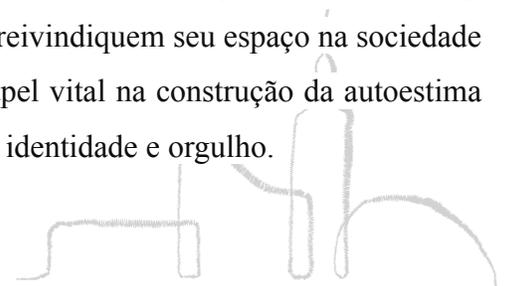
No contexto cultural brasileiro, a afirmação da aparência pelo estilo vestimentar do jovem negro periférico instaura discussões a respeito da importância da roupa para a configuração da existência. No Brasil, muitas críticas são dirigidas aos jovens habitantes das favelas que investem grandes quantias financeiras em artigos luxuosos, em geral, acessórios de moda que fazem alusão aos ícones do Rap / Hip Hop. Acessar a linguagem da cultura de moda sinalizaria a necessidade de se pensar a autorrepresentação estética como um dos dispositivos de comunicação do regime midiático. Para ilustrar, recomendamos o clip da música *Superstar* (2017) do Rapper brasileiro Fabrício FBC, no qual a letra da música narra como a aquisição de um tênis sofisticado dá ao jovem periférico o status de celebridade (fig.2). Para além da subversão que rasura a fronteira da distinção social, o uso de produtos de luxo torna-se uma alegoria que desvela o traço da violência segregacionista e o desejo dos jovens periféricos utilizarem os signos de poder.

Figura 2: Frames do Clip Superstar, Fabrício FBC, 2017.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hID22SwiSQQ> acesso 9 de setembro 2024.

Ao se envolverem com o RAP, esses jovens encontram um meio de canalizar suas frustrações, sonhos e aspirações, fortalecendo sua autoestima e senso de valor próprio. A música, as letras e as performances de rap tornam-se instrumentos de empoderamento, permitindo que esses jovens reivindiquem seu espaço na sociedade e redefinam suas narrativas. Assim, o movimento rap desempenha um papel vital na construção da autoestima entre jovens pobres, proporcionando-lhes uma sensação de pertencimento, identidade e orgulho.

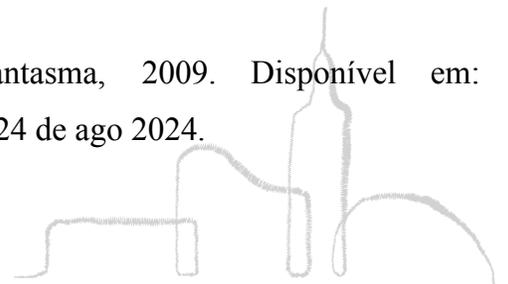


Considerações Finais

Ao longo deste ensaio crítico, nós nos propomos a examinar como o movimento de contracultura do RAP contribui significativamente para o desenvolvimento da autoestima entre os jovens periféricos. Por meio de uma análise inicial, pretendemos explorar as diversas maneiras pelas quais o RAP, como uma forma de expressão cultural e musical, proporciona uma plataforma de empoderamento e valorização das identidades marginalizadas. Além disso, apresentamos como a juventude, como um conceito dinâmico que atravessa a transição liminar entre a adolescência e a vida adulta, encontra na moda uma forma de negociação identitária. Essa fase de desenvolvimento não apenas envolve a exploração de novos papéis sociais e responsabilidades, mas também a busca por uma expressão pessoal que reflita suas aspirações e realidades. Assim, a moda no contexto do RAP não apenas define um estilo individual, mas também serve como um elemento integrador dentro de comunidades periféricas, fortalecendo laços comunitários através de uma linguagem visual compartilhada e reconhecida.

Referências:

- ARCE CORTÉS, Tania. **Subcultura, contracultura, tribus urbanas y culturas juveniles: ¿homogenización o diferenciación?**. *Rev. argent. sociol.* [online]. 2008, vol.6, n.11, pp.257-271. ISSN 1669-3248.
- ASSIS, SG., and AVANCI, JQ. **Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Criança, Mulher e Saúde collection. 208 p. ISBN 978-85-7541-333-3.
- DAYRELL, J.. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 117–136, jan. 2002.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 6^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- EMICIDA. **Vai ser Rimando**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YyDoNSV-BI4&t=2s>. Acesso em: 24 de ago 2024.



FOUCAULT, M. **Dits et Écrits**. Paris : Gallimard, 1994

HEBDIGE, D. **Subcultures: The Meaning of Style**. Taylor & Francis e-Library, 2002.

ROCHA, E.; PEREIRA, E. **Juventude & Consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SAVAGE, J. **A criação da juventude**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SIMMEL, G. **Filosofia da Moda**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

